

**A arte e a mais pura conexão na contemporaneidade: imersão,
percepção e espaços de afeto e do cotidiano na manifestação
pictórica de Alejandro Pasquale**

*El arte y la más pura conexión en la contemporaneidad: inmersión,
percepción y espacios de afecto y de lo cotidiano en la manifestación
pictórica de Alejandro Pasquale*

Cristiane Weber¹

Daniel Conte²

Resumo

Este estudo é parte de tese em desenvolvimento que objetiva compreender como o artista na contemporaneidade consegue conectar pessoas com suas obras, em um contexto cultural onde estamos envolvidos com múltiplas contaminações. Entende-se que o contemplar da arte exige uma atenção que já é rara devido a um excesso de informações instantâneas. Tem-se como corpus a construção pictórica do artista argentino Alejandro Pasquale que, com influência na arte clássica, pinta suas personagens sem rosto (um desafio a mais de percepção) em situações que remetem às memórias de cada um de nós e a cenas do cotidiano. Abarcando teorias de imersão e percepção, de Csikszentmihalyi (2008); empatia, de Sampaio (2011); relações entre espectador e arte, de Cauquelin (2005), além dos espaços poéticos de Bachelard (1993), entre outros; o estudo avança na compreensão de como a arte pode ser cada vez mais democratizada, saindo de seu espaço ainda elitizado, quando aproxima indivíduos através da tela. Os primeiros resultados, ainda que incipientes, demonstram como uma leitura atenta, distante da profusão de estímulos aos quais estamos submetidos, proporciona uma experiência tocante de conexão e empatia entre artista e receptor, imbricando sentimentos que revelam percepções únicas por detrás das máscaras de suas personagens.

Palavras-Chave: arte, contemporaneidade; conexão; percepção, pictórico.

Resumen

Este estudio es parte de tesis en desarrollo que busca comprender cómo el artista en la contemporaneidad logra conectar personas con sus obras, en un contexto cultural donde estamos involucrados con múltiples contaminaciones. Se entiende que el contemplar del arte exige una atención que ya es rara debido a un exceso de información instantánea. Se tiene como corpus la construcción pictórica del artista argentino Alejandro Pasquale que, con influencia en el arte clásico, pinta sus personajes sin rostro (un desafío más de percepción) en situaciones que remiten a las memorias de cada uno de nosotros y las escenas de lo cotidiano. Abarcando teorías de inmersión y percepción, de Csikszentmihalyi (2008); empatía, de Sampaio (2011); relaciones entre espectador y arte, de Cauquelin (2005), además de los espacios poéticos de Bachelard (1993), entre otros; el estudio avanza en la comprensión de cómo el arte puede ser cada vez más democratizada, saliendo de su espacio aún elitizado, cuando se acerca a los individuos a través de la pantalla. Los primeros resultados, aunque incipientes, demuestran cómo una lectura atenta, distante de la profusión de estímulos a los que estamos

¹ Mestre e doutoranda em Processos e Manifestações Culturais; Universidade Feevale; Novo Hamburgo; Rio Grande do Sul; Brasil; crisjornalistars@gmail.com.

² Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Doutor em Literatura Brasileira; Universidade Feevale; Universidade Feevale; Novo Hamburgo; Rio Grande do Sul; Brasil; danielconte@feevale.br.

sometidos, proporciona una experiencia con respecto de conexión y empatía entre artista y receptor, imbricando sentimientos que revelan percepciones únicas detrás de las máscaras de sus personajes.

Palabras-clave: arte, contemporaneidad; conexión; percepción, pictórica.

1. Contextualização

Em uma fria noite de inverno na capital argentina Buenos Aires, deparei-me pela primeira vez com *Equilibrio* (figura 1), que revelava um menino ou adolescente de olhos semicerrados escondido sob uma máscara que lembrava um bico de madeira. Os elementos do quadro, com o menino segurando dois pássaros em um galho e suas expressões escondidas chamaram-me imediatamente a atenção: o menino, apesar de cercado por plantas, parecia estar em uma clareira que lhe deixava tranquilo (figura 1).

Figura 1 – Obra *Equilibrio*, óleo sobre tela, Alejandro Pasquale.



Fonte: acervo do artista no repositório Bola de Nieve

Depois de algum tempo imersa naquela conexão, o dono da casa contou-me que Alejandro pintava ali o sobrinho que havia falecido dois anos antes em um acidente doméstico, afogado em uma piscina. Mais tarde, em contato via *WhatsApp*, o artista me confirmou a história, mas acabou adicionando outros elementos a sua sensível coleção: também ele se pintava ali, expondo suas memórias de infância, abrindo-se a uma intimidade velada pelas máscaras. Os rostos cobertos era absolutamente propositais: sem saber de suas reações, humores, sorrisos ou tristezas, a imaginação de quem vê fica mais livre para obter suas próprias interpretações e ressignificações. Entende-se que o processo da arte – e portanto desta conexão – perpassa as primeiras pinceladas do artista, a maneira como trabalha suas memórias; o contexto cultural onde estamos envolvidos e como nos conectamos com qualquer coisa ao nosso redor; e, por fim, a maneira como assimilamos e compartilhamos nossas impressões, seja sobre a arte ou qualquer outro aspecto de nossas vidas. Trata-se de uma experiência de múltiplos atravessamentos, de múltiplas vivências e de múltiplos afetos, principalmente.

Através de fundamentação teórica baseada nas teorias do símbolo, da poética, do afeto e da empatia, define-se o problema de pesquisa deste estudo em desenvolvimento: quais são e como se estabelecem os espaços de afeto que aproximam o agente observador da arte na

contemporaneidade? A hipótese principal é a de que elementos afetivos e do cotidiano aproximam o espectador da arte e promovem conexões e percepções coletivas calcadas no imaginário social e na própria subjetividade. Para tanto, estabelece-se, como objetivo geral dessa investigação construir uma teoria da percepção da arte em um contexto contemporâneo de múltiplas contaminações.

Justifica-se este estudo por uma ordem pessoal, com o intuito de ampliar as discussões acerca da popularização da arte e perceber nos espaços de afeto uma conexão possível que destitua o espaço elitista ao qual ela (ainda) é atribuída; e, também, na ordem das manifestações culturais, para compreender como as conexões da arte são estabelecidas em uma contemporaneidade na qual compartilhamos cada vez mais nossas percepções, nossas opiniões e nossas emoções. Para tanto, serão utilizados neste estudo em andamento autores com teorias que abarquem as respostas ao problema de pesquisa proposto, tais como Csikszentmihalyi (2008), que afirma que os desafios são necessários para oferecer uma espécie de deleite a quem observa, um momento que poderia ser classificado como o estado transcendente de nossa alma. Em um de seus estudos, o autor conversou com um *expert* em arte que afirmou que algumas obras oferecem algum tipo de desafio, “e essas são obras que ficam em nossa mente, as mais interessantes” (CSIKSZENTMIHALYI, 2008, p. 85). Ainda nessa ordem, no jogo da interação entre aquele que vive e constrói a arte (artista), a obra (manifestação pictórica), o indivíduo (por ordem fenomenológica) e os demais agentes (teoria dos sistemas), todos têm participação ativa, em um jogo de representação constante. Os múltiplos atravessamentos que ocorrem já não mais permitem leituras isoladas e individuais, pois somos construídos por outras leituras, outras interpretações. Essa imensidão de possibilidades contamina a todos, permitindo, pela abertura de interpretações possíveis, constantemente colocadas a público, transformam o mundo em um organismo vivo, em constante expansão, cuja leitura depende da nossa constante representação (CAUQUELIN, 2005).

A construção pictórica de Alejandro pode ser classificada como aberta, passível de diferentes leituras, plural, de magnitude imensurável. Cada olhar, como diz o pintor, enxerga algo, embora muitas de nossas percepções sejam operadas pelo coletivo. Este conceito de obra aberta está explícito em Eco (1991), que introduz o assunto dando como exemplo a música clássica. Obras como as de Johann Sebastian Bach ou Ludwig van Beethoven, em seu contexto de composição nos anos 1700, eram acabadas, com sinais convencionais, em forma definida. Diferente disso, as novas obras musicais, segundo o autor,

não consistem numa mensagem acabada e definida, numa forma univocamente organizada, mas sim numa possibilidade de várias organizações confiadas à iniciativa do intérprete, apresentando-se, portanto, não como obras concluídas, que pedem para ser revividas e compreendidas numa direção estrutural dada, mas como obras “abertas”, que serão finalizadas pelo intérprete no momento em que as fruir esteticamente (ECO, 1991, p. 39).

O mesmo acontece com a arte. Em cada obra que se inicia ou se encerra, Alejandro dá pistas, além de suas palavras, de como deseja que sua arte também não seja acabada. Os conceitos oníricos da criação também têm espaço, pois a obra do artista faz esse papel de mergulhar nesse passado, trazendo à mente a nostalgia que nos ativa em cada símbolo que fez ou faz parte da nossa vida. Jung (2008) será um dos autores pesquisados, para abordar o caráter do símbolo pelo viés do inconsciente, quando há um importante contexto que envolve o indivíduo e suas manifestações oníricas, seus devaneios, estejam estes no sonho ou postas em tinta em alguma tela. Este pensamento é complementado por Gaston Bachelard, quando

diz que “com a explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos e já não vemos em que profundezas esses ecos vão repercutir e morrer. Em sua novidade, em sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio” (BACHELARD, 1993, p. 2). A imagem, portanto, se movimenta neste jogo infinito de interpretações. Busca em nossas raízes e em nossas memórias as mais singelas e profundas referências. Isso tudo sem movimentos bruscos ou interpeladores.

Em relação aos espaços de afeto construídos entre artista e quem observa a manifestação pictórica, observa-se uma experiência empática de colocar-se no lugar do outro, experimentando suas sensações e suas lembranças. Sampaio et. al. (2012) ensina que a empatia designa uma resposta cognitiva afetiva produzida em nosso inconsciente a partir de uma observação ou de uma imaginação da situação que o outro vivencia. Durante muitos anos, a empatia teve essa consideração de ser uma resposta cognitiva, de pensarmos em como as outras pessoas se sentiam e antes de questioná-las, por exemplo, nos transferirmos para o seu lugar. Porém, outros autores adotam uma perspectiva mais emocional à conexão estabelecida, na perspectiva de que esta se trata de uma resposta emocional a outras reações emocionais observadas em outra pessoa.

2. Metodologia

Na pesquisa em desenvolvimento, três métodos abarcam as análises a serem construídas: o primeiro diz respeito ao método de pesquisa bibliográfica (de natureza básica, origem qualitativa e objetivo exploratório), baseada em material já elaborado em fontes bibliográficas já existentes sobre o tema e elencados nos primeiros capítulos deste trabalho; o segundo, o da crítica genética por Salles (2008), será base para a análise do processo de criação da obra de Alejandro. Este método surge com o propósito de melhor compreender o processo de criação artística a partir dos registros de seu percurso, deixados pelo artista. Esses rastros podem ser encontrados na própria página do autor na rede social Facebook ou mesmo em entrevistas concedidas a canais especializados na internet, mas serão reforçados por entrevista pessoal que será feita ainda em 2018 no atelier do artista em Buenos Aires. O terceiro, o método experimental, para decodificação de respostas para os grupos focais aos quais a arte de Alejandro Pasquale será submetida para análise, em uma perspectiva de interação com a obra. Dentro deste, leva-se em conta a análise com o suporte fenomenologia microscópica de Bachelard (1993). Segundo este autor, para que seja percebida a ação psicológica de um poema (neste caso, de uma obra poética), “teremos, pois, de seguir dois eixos de análise fenomenológica: um que leve às exuberâncias do espírito, outro que conduza às profundezas da alma” (BACHELARD, 1993, p. 7). De acordo com o autor, nada nos prepara para a imagem poética: nem a cultura, nem a percepção. Ela é uma transmissão de uma alma para a outra.

3. Conclusões

Até o momento, as conclusões deste estudo nos parecem bastante incipientes, mas reveladoras de alguns processos importantes tanto no âmbito da produção como no de recepção. Focaremos no estudo apresentado neste congresso o âmbito da recepção, quando dois participantes (amostras a e b) puderam observar três obras do artista (*Equilibrio*, *Fragil* e *La posible inmensidad de um charco*, todas óleo sobre tela, figura 2) e discutiram sobre suas impressões, estimulados com perguntas, tais como se gostaram ou não, o que mais lhes

instigou, quais os elementos efetivos e do cotidiano que identificaram, e se aquele tipo de obra lhes aproximava da arte.

Figura 2 – obras de Alejandro Pasquale



Fonte: montagem feita pelos autores a partir do repositório digital Bola de Nieve

Como resumo dos resultados – que serão ampliados e detalhados em caso de aceite este trabalho, observam-se conexões estabelecidas através entre o homem e a natureza e o homem e sua infância. Os participantes parecem ter se conectado ao artista no momento em que identificaram elementos de proteção e de sensação de despedida em uma das obras (Equilíbrio), justamente a propulsora da série *Maskaras* após a morte do sobrinho de Alejandro. Ressalta-se que nenhum detalhe da vida do artista foi aberto a ambos neste processo de análise.

Entendemos que estes primeiros resultados serão complementadas com a viagem a Buenos Aires em 2018, para um entendimento mais aprofundado com o acompanhamento da rotina do artista, bem como com os grupos para os quais as mesmas três obras serão expostas e submetidas à análise, apontando os cruzamentos estabelecidos nas ordens subjetiva e do coletivo (análise como grupo).

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CAUQUELIN, Anne. **Teorias da arte**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Flow: the psychology of optimal experience**. New York, EUA: Harper Perennial, 2008

ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. 8. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 1991.

JUNG et. al. **O homem e seus símbolos**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2008.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. – 3a ed. revista. — São Paulo: EDUC, 2008.

SAMPAIO et. al. **Tradução, Adaptação e Estudo da Validade de Construto da Scale of Ethnocultural Empathy**. In: Revista Psico, v. 43, n. 1, pp. 101-108, jan./mar. 2012. Acesso em 20 jul. 2017. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11104/7624>.

Portal Bola de Nieve, repositório de obras de artes de artistas argentino, ligado à Fundacion Sociedad, Tecnologia, Arte (Argentina). Disponível em:
<http://www.boladenieve.org.ar/>. Acesso em: 15 out. 2017.